

O provedor do leitor do PÚBLICO está em blogs.publico.pt/provedor

Santana Lopes é candidato do PSD à Câmara de Lisboa

● O antigo primeiro-ministro Pedro Santana Lopes será o candidato do PSD à câmara da capital, enfrentando o socialista António Costa. Depois de a sua candidatura ter sido aceite pela estrutura distrital e nacional do partido, a decisão terá sido fechada num encontro, quarta-feira, entre o deputado e a presidente social-democrata, Manuela Ferreira Leite, notícia o semanário *Sol*. Ontem, nem Santana Lopes, nem membros da direcção do partido quiseram confirmar ou desmentir ao PÚBLICO este acordo, que terá de ser ainda formalmente levado à comissão política.

Já presidente da Distrital de Lisboa, Carlos Carreiras, que já manifestou o seu apoio a Santana Lopes, confirma apenas que se reuniu com membros da direcção do partido para acertar a estratégia para os dez concelhos do distrito de Lisboa, tendo ficado acordado que a pré-campanha na capital arrancaria mais rapidamente e que seria a líder do partido a chegar a acordo com Santana Lopes. Em entrevista ao *Sol*, o responsável pelo *dossier* autárquico do partido, Castro Almeida, admite que Santana Lopes “é um grande candidato” a Lisboa e que o actual presidente da autarquia António Costa “é totalmente vencível”. J.F.C.

Marcelo tem uma dúvida: será obrigado a sair da RTP?

● Marcelo Rebelo de Sousa manifestou ontem uma “dúvida essencial” na sua crónica semanal no semanário *Sol*. “Se a RTP alargar o leque de comentadores [políticos], e eu continuar a cortar o tempo [nas suas intervenções dominicais no canal público], ainda assim a ERC [Entidade Reguladora da Comunicação Social], lá para Janeiro ou Fevereiro, quereira pôr fim ao remanescente do meu comentário”.

A RTP cortou, com o acordo de Marcelo, 15 minutos do programa *As Escolhas de Marcelo*, que é transmitido aos domingos (21 horas) após o *Telejornal* da estação pública. Por outro lado, a ERC revelou recentemente num comunicado que poderá tomar medidas (não disse quais) contra a RTP se a estação não alargar o espaço de comentário político a outros partidos além do PSD (Marcelo) e PS (António Vitorino, que tem um programa às segundas-feiras à noite).

Segundo o *Expresso* revelou ontem, a partir da próxima semana os telejornais de fim-de-semana vão ser apresentados por João Adelino Faria (ex-SIC Notícias e ex-Rádio Clube), altura em que a RTP poderá abrir as portas a outros comentadores, ainda que não forçosamente estritamente do espectro político-partidário. L.A.

Programa educativo da Gulbenkian com mais de 1500 eventos até Setembro de 2009

Isabel Leiria

Rui Vieira Nery é o director do programa que se destina a crianças desde os dois anos até a públicos seniores e que integra todos os serviços educativos da fundação

● Entre visitas, oficinas, cursos e concertos, são mais de 1500 os eventos que vão acontecer na Gulbenkian, até Setembro de 2009, no âmbito do novo programa de Educação para a Cultura desta fundação. Uma agenda ambiciosa dirigida por Rui Vieira Nery, que deixou a direcção do serviço de música da Gulbenkian, para liderar o programa *Descobrir - Educação para a Cultura*, ontem apresentado.

A grande novidade do *Descobrir* é a articulação entre todos os serviços educativos da fundação, que até aqui estavam dispersos entre os dois museus, a área da música e dos jardins. “A fundação foi pioneira no lançamento de serviços educativos e formativos. E há um potencial enorme que se pode aproveitar nesta área”, explicou Rui Vilar, presidente da Gulbenkian. “As pessoas passam agora a bater a uma só porta, em vez de quatro. É este um dos objectivos do programa: criar um sistema de informação e relacionamento com o público mais eficiente.”

As várias actividades já agendadas, e que podem ser consultadas na página da Gulbenkian na Internet, destinam-se a crianças desde os dois anos até públicos seniores. Há programas pensados para escolas e grupos or-



Mais formação na Gulbenkian

ganizados, outros para criança, famílias e adultos. E foi ainda criado o conceito *Menu do Dia*, que permite às pessoas, desde que o façam antecipadamente, seleccionar diferentes actividades em que querem participar nesse dia.

Este ano, as actividades disponíveis alargam-se a outras áreas, como a ciência ou o cinema (em colaboração com a Cinemateca). “Fomentar as abordagens transversais” e “contribuir para a inovação e alargamento do programa educativo” são precisamente outros dos objectivos do programa, sublinhados por Rui Vilar.

Para Rui Vieira Nery, a mensagem é simples: “Vir à fundação é entrar num mundo de descobertas e experiências fascinantes que se vão tendo livremente”. A temporada terminará com uma ópera destinada a crianças.

Rede Eures oferece três milhões de empregos na UE

Barbara Wong, em Paris

● O mercado de trabalho da União Europeia (EU) é muito heterogéneo, se há zonas onde o desemprego impera, noutras é difícil encontrar mão-de-obra. Este é dos grandes problemas na UE, segundo Christoph Maier, director-geral do Emprego, Assuntos Sociais e Igualdade de Oportunidades da Comissão Europeia, anteontem, num encontro em Paris da rede Eures, que promove através da Internet a mobilidade de emprego entre os cidadãos europeus. Neste momento, a rede tem uma oferta de três milhões de empregos na UE.

No página <http://ec.europa.eu/eures> é possível encontrar ofertas de trabalho em todos os países da Europa. Foi através do *site* e de um concurso em que participou que Nuno Fragoso, de 31 anos, licenciado em Gestão de Actividades Culturais, está a ter uma experiência de trabalho como rececionista no parque PortAventura, em Espanha,

onde ganha o triplo do que conseguia em Portugal.

Também Tânia Guerreiro da Costa, que terminou em Janeiro a licenciatura em Engenharia Civil, em Lisboa, introduziu no *site* da Eures o seu *curriculum vitae* e está a trabalhar na Finlândia. Nuno e Tânia são dois exemplos do recente programa Eures chamado “Primeiro emprego fora do país”, que começou há dois anos.

A mobilidade de emprego promovida pela rede Eures há 14 anos permite colmatar a necessidade de mão-de-obra nas regiões onde é mais necessária. Existem mais de três milhões de ofertas, quando a Europa tem cerca de 16 milhões de desempregados. Contudo, apenas dois por cento dos cidadãos europeus vive ou trabalha noutro Estado-membro, revela a Comissão Europeia. Portugal é o país com mais cidadãos espalhados pela Europa, graças às vagas de emigração das décadas passadas com 7,8 por cento da população a viver há

mais de quatro anos noutro país. Os alemães e os espanhóis são os que menos saem dos seus países, com menos de um por cento de cidadãos a viver fora. “A mobilidade é muito baixa entre os europeus”, lamenta Christoph Maier.

Em Paris estiveram 50 dos muitos jovens que já beneficiaram do programa do primeiro emprego, como Annamária Vaneková, eslovaca a trabalhar na

Hungria, e o búlgaro Petar Dimitrov, que se mudou com a mulher e uma filha pequena para Chipre.

Além dos jovens trabalhadores, estiveram também presentes os empregadores e os conselheiros Eures. O conselheiro é uma figura essencial que faz a ligação entre os trabalhadores e as empresas. Ao todo existem 700 em toda a União Europeia. Para os empregadores, o forte deste programa é a possibilidade de receber pessoas com diferentes perspectivas do trabalho, ideias novas e culturas diversas, referem.

As ofertas de trabalho variam, das que pedem formações de nível médio às que exigem o ensino superior. É sempre uma mais-valia saber uma ou mais línguas estrangeiras, reconhece Nuno Fragoso, que, além do inglês e castelhano, já percebe catalão e está a aprender francês, pois gostaria de vir a trabalhar na Suíça.

O PÚBLICO viajou a convite da Comissão Europeia

Trabalhadores

2%

Apenas dois por cento dos cidadãos da UE trabalham fora do seu país. Neste momento há cerca de 16 milhões de desempregados na UE

Eurodeputado contra menos liberdade devido ao crime

Mariana Oliveira

● Numa altura em que se discute o aumento da criminalidade violenta no país, o eurodeputado do PSD Carlos Coelho defende que não podemos reforçar a segurança à custa da liberdade. “O mais nobre dos fins não justifica o uso dos meios errados”, sublinhou ontem o político, no Porto, durante o Encontro Nacional da Amnistia Internacional, onde falou sobre Direitos Humanos e Terrorismo.

Carlos Coelho apelou os activistas a resistirem a políticas securitárias, considerando que “nos próximos tempos assistiremos a um aumento desta tendência”.

Coelho falou da sua experiência na presidência da comissão de inquérito que investigou o transporte ilegal de prisioneiros por parte dos EUA, onde



Carlos Coelho criticou os EUA

conheceu um cidadão alemão que esteve quatro anos preso na cadeia de Guantánamo. “Nunca mais me esquecerei de ver um homem com quase 200 quilos a chorar copiosamente”, contou. “Os americanos só o entregaram a pedido da chanceler Angela Merkel, mas há três anos que sabemos que ele estava inocente”, explicou.

O político mostrou-se defensor de uma cooperação internacional no combate ao crime, mas insistiu no respeito pelos direitos humanos. Carlos Coelho ficou sem dúvidas sobre a existência de prisões secretas na Europa. “O transporte ilegal de prisioneiros não existiria se não existissem prisões secretas. Se assim não fosse, os EUA podiam usar os mecanismos normais de extradição”, sustentou.

O eurodeputado lembra que as cadeias secretas não dão garantias

nenhuma aos detidos: “É um desaparecimento forçado. Não há um prazo para se sair, não se tem direito a advogado, nem se é submetido a um tribunal.” Quanto a Guantánamo, o político sublinhou que “metade da população prisional está inocente”. E explicou porque: “Descobriu-se que os norte-americanos ofereceram dinheiro aos afegãos para denunciarem membros da Al-Qaeda. Muitos aproveitaram para fazer ajustes de contas e daí que tenham sido apanhados imensos inocentes”.

O político criticou ainda o Reino Unido, que fomenta aquilo que apelida de “*outsourcing* da tortura”. “Há um parecer vergonhoso que vem dizer que se pode conhecer a informação obtida sobre tortura, desde que esta tenha sido obtida sem o apoio de agentes ingleses”.